

Ateneu Proletário Galego

Programa político Em busca da linha política justa



Sobre a construção do partido proletário de novo tipo

Preço - 1,50 €

*Edita: **Ateneu Proletário Galego**, Julho de 2012*

Índice

Programa político	4
Sobre a construção do partido proletário de novo tipo	17
O método	20
A luta de classes e o partido	21
A contradição social hegemónica de classe e a luta de classes	26
Caracterização do momento histórico	27
A lei do desenvolvimento desigual combinado	29
O desenvolvimento social paralelo das sociedades com ditaduras do proletariado em fase de transição	30
A importância dos movimentos sociais revolucionários	37
Os destacamentos comunistas (projectos de partido com prioridades de trabalho históricas específicas)	37
O sindicalismo	40
O parlamentarismo e o destacamento comunista	41
A resistência popular mediante a violência revolucionária e a relação com o destacamento	42
O contrapoder	45
A toma do poder político	45
Os nossos referentes internacionais	46

Programa político

Em busca da linha política justa

Desde o primeiro momento foi a nossa prioridade desenvolver umha linha política justa. Necessitamos umha linha política justa para podermos desenvolver um programa político revolucionário e umha praxe revolucionária.

Creemos que só podemos ter um programa político revolucionário, se antes desenvolvemos umha linha política justa. Tamém sabemos que para encontrar esta linha e poder ter um programa político revolucionário, temos que responder a sete questons:

1) **O método de análise:** O nosso método de análise é o **materialismo dialético e histórico**.

O nosso método foi ampliamente tratado nos nossos textos. (Podemos destacar ao respeito o número 1 do Ateneu e, no primeiro artigo do número 2, sobre o o trabalho político para o **Marxismo-Leninismo**).

Este método permite-nos conhecer como a luta de classes é o motor da história. Saber que só a luta de classes pode lograr progresso social. Distinguir dous níveis na luta de classes, **a luta de classes mundial e a luta de classes na sociedade nacional**. Permite-nos saber que os interesses coletivos dum povo, temhem preferência sobre os interesses dum reduzido número de pessoas que formam as classes exploradoras. Tamém sabemos que os interesses coletivos da humanidade estâm por riba dos interesses dum povo ilhado se os dous entrassem em conflito.

Creemos que na maior parte da história dos povos a sua dinâmica interna de luta de classes é o principal “motor”

social -contradição hegemónica- e que os fatores externos atuam a través das classes sociais nacionais -a maior parte das vezes-.

Creemos que extraordinariamente num período curto na história dum determinado povo, pode suceder que um fator externo barra a luta de classes dumha sociedade nacional. Que barra a dinâmica social dumha determinada sociedade, transformando a contradição principal o enfrentamento entre umha sociedade no seu conjunto contra um invasor. Volvendo a contradição nacional na contradição principal (este nom é o caso da atual sociedade galega).

2) **O Método de trabalho político: Crítica e autocrítica coletiva.** Um processo dialético de **crítica-praxe-crítica**.

Realmente creemos neste método. Porque nom se trata de um lema baleiro, senom dum método científico e revolucionário de trabalho político.

Fazemos crítica e autocrítica coletiva da realidade e do nosso trabalho político, para assi num processo dialético sem fim poder avançar na correlação de forças a favor do proletariado. Porque sabemos que **o novo nasce do velho**.

3) **A caracterização do momento histórico.**

A nossa caracterização deste momento histórico: estamos assistindo a um processo de **decadência capitalista**.

Caraterizamos este momento como de: **Capitalismo decadente**, crise social, retrocesso social, a depauperação mundial das massas e de **ofensiva capitalista** contra a humanidade.

4) **A estratégia revolucionária.**

Sem umha estratégia revolucionária as organizaçõs acabam dando bandaçõs, sem umha guia que lhes indique o caminho. Acabam caindo num taticismo capaz de justificar qualquer cousa.

A estratégia revolucionária ensina-nos: o que fazer.

A nossa estratégia dirige-se a: Conseguir **o poder político**

para o proletariado galego, realizar a **independência nacional**, construir primeiro **o socialismo no mundo** e umha **humanidade comunista** depois.

(Ver no penúltimo artigo N. 2 do Ateneu sobre os objetivos estratégicos que reproduzimos debaixo.)

5) **A tática setorial** adequada ao momento histórico concreto em cada um dos movimento sociais.

A tática revolucionária indica-nos como fazê-lo. Como conseguir os objetivos marcados pola estratégia.

Como é fácil de entender se sabes como fazer as cousas, mas nom sabes quais som as prioridades dum determinado momento histórico, nem por que as fas, resulta que nom podemos avançar demasiado.

(ver na avaliação do dia da pátria como trabalhar no MLNG que reproduzimos debaixo).

6) **O Estilo de trabalho político.**

No texto da avaliação do dia da pátria tamém tratamos o nosso estilo de trabalho.

Que as organizaçoms nom estudem o seu estilo de trabalho em cada movimento social limita muito a eficácia deste trabalho.

(Ver abaixo).

7) **A alternativa revolucionária: o socialismo.**

Plantejamos a única alternativa viável para solucionar os problemas sociais e lograr progresso social para a humanidade. A alternativa do proletariado que é o socialismo no mundo.

A suma destes sete pontos permite-nos ter umha linha política justa, um programa político revolucionário e umha praxe política científica e revolucionária. A isto é o que lhe chamamos: **o socialismo científico.**

Sem ter estes pontos resoltos cientificamente é impossível realizar o trabalho que exige o socialismo científico.

Infelizmente a maioria das organizações políticas galegas nom têm trabalhado a sua linha política. Nom têm nem estratégia nem tática. Isto fai que os seus dirigentes poidam fazer o que queiram sem ter que acatar nengumha linha política. Dando-lhes umha aparência e um protagonismo que nom merecem.

Algumha que outra organização tem aparentemente umha estratégia e umha tática. Mas se estudamos estas resulta que a sua estratégia nom passa de ser umha declaração de intenções, umha declaração de princípios políticos, morais, ou umha repetição de lugares comuns.

E assi nom é algo nem útil, nem clarificador, polo que nom pode servir de guia para o trabalho prático da sua militância, nem servir para fixar as prioridades históricas do trabalho.

Tamém sucede que algumas destas organizações podem aparentemente ter um programa tático, mas infelizmente se o estudamos resulta que nom é um programa tático, senom umha soma de definições, ou em algum caso um programa eleitoral.

A nossa estratégia:

Para que trabalhamos? Os objetivos estratégicos do proletariado galego.

Podemos nomear os objetivos gerais polos que trabalhamos politicamente, dividindo-os em diferentes prazos.

A curto prazo trabalhamos politicamente para: 1) Dar-lhe a teoria revolucionária, com umha linha política justa, aos movimentos revolucionários (movimento obreiro galego MOG, movimento de libertação nacional galego MLNG, etc); 2) reforçar o MOG e MLNG; 3) conformar organizações proletárias revolucionárias.

A meio prazo: 1) seguir reforçando os movimentos revolucionários; 2) reforçar as organizações proletárias revolucionárias; 3) criar um contrapoder proletário; 4)

convencer do justo da explicação científica do mundo, por tanto comunista, mobilizar as massas proletárias e a maior parte do povo trabalhador galego.

A longo prazo: 1) Lograr o poder político para o proletariado (democracia proletária); 2) independência para a Pátria socialista galega; 3) construir o progresso proletário.

A mais longo prazo: Os povos do mundo construiremos o socialismo e depois o comunismo seguindo o historicamente necessário progresso social da humanidade.

Esta estratégia exige diversas linhas táticas históricas em cada trabalho político setorial concreto. Esta táticas indicam-nos como trabalhar politicamente (estilo de trabalho, política de alianças, como realizar a agitação, a propaganda e a organização), em cada movimento social concreto, numhas determinadas circunstâncias históricas. O que nom pode suceder é que a tática entre em enfrentamento coa estratégia. Nom pode suceder que por taticismo perdamos a visom política, que esqueçamos os nossos objetivos políticos, caindo no oportunismo taticista que nom leva a nada.

Tática no MLNG: Auto-crítica.

Primeiro dizer que no Ateneu temos claro que a classe obreira é a maioria do MLNG e que tem que exercer a direção dos movimentos populares.

Nós tivemos crítica e auto-crítica que fazer sobre os atos do Dia da Pátria, sobre o Acordo Democrático Nacional (ADN), etc. É lógico e isto deveria ver-se com normalidade, pois a crítica e auto-críticas som imprescindíveis para o avanço de qualquer movimento revolucionário. Mas por muitas críticas que tenhamos: onde devemos estar os e as comunistas? Nos movimentos sociais revolucionários. Devemos estar nas organizações populares e, coas nossas forças, fortalecê-los e radicalizá-los.

Quando assinamos o Acordo Democrático Nacional (ADN 2011) transmitimos aos demais aderentes esta declaração. Declaração que decidíramos não fazer pública até passado o Dia da Pátria do 2011.

Comunicado do Ateneu Proletário Galego (APG) sobre o ADN:

1) O APG subscreve o ADN devido a que o considera um instrumento necessário a nível prático nas atuais circunstâncias históricas.

2) O APG não considera o ADN o programa político de mínimos que precisa o povo trabalhador galego.

3) O APG considera que a classe obreira, as camponesas, e todo o povo trabalhador, só podem ter como programa uma alternativa socialista, que deve incluir:

a) A liberdade dos presos políticos e das presas políticas galegas.

b) Que o poder político se materialize numa democracia do povo trabalhador que contribua à imprescindível construção do socialismo no mundo.

c) A independência do estado espanhol.

d) A expropriação pelo povo dos bancos e demais oligopólios.

e) O pleno emprego.

f) A superação da exploração.

g) A superação da divisão da sociedade em classes sociais antagónicas.

As diferenças políticas não se devem nem magnificar nem minimizar. Não temos dúvida de que encontramos entre as nossas maiores aliadas a algumas das organizações que assinaram o Acordo. Devemos distinguir as nossas **diferenças antagónicas có inimigo das diferenças dentro do povo** e as diferenças -que existem e são evidentes- dentro dos movimentos.

Quando estivemos em CGZ convivemos com posturas pequeno-burguesas, com o interclassismo nacionalista ou/e feminista, o misticismo nacionalista ou/e primitivista. Façamos as críticas que sejam necessárias para podermos assim ser realistas com o que podemos esperar dos diferentes

agentes políticos do MLNG.

Esta é a nossa postura e não a escondemos. E também há que valorar as diferenças nos movimentos em dois planos, inter-relacionados mas diferentes: o objetivo e o subjetivo. Que as desviações ideológicas, os erros e as posturas pequeno-burguesas não nos impidam ver a natureza de classe (objetiva) do MLNG. A alienação afeta a toda a nossa sociedade nacional, e os movimentos revolucionários não escapam desta realidade. Não ponhamos o foco em que uns nos chamamos comunistas e outros o que for (socialistas, de esquerdas...); ponhamo-lo na composição de classe e ponhamo-lo na prática e nas medidas táticas.

Como trabalhar no MLNG:

1) Com franqueza. Seguindo a Lenine, tendo a verdade como a melhor arma revolucionária. Empregando a crítica e auto-crítica coletiva dumha maneira construtiva.

O que nos levou a ler um comunicado crítico e a desenvolvê-lo num diálogo com as outras organizações no momento de assinar o Acordo Democrático Nacional (que reproduzimos enriba). Por certo, críticas que foram respaldadas por quase todas as organizações que se pronunciaram nesse momento. A única maneira de poder aceitar as diferenças políticas não antagônicas num movimento plural é sendo conscientes de que existem, expô-las, contrastá-las, e comprovar que ainda assim se pode manter um trabalho positivo e umhas formas corretas e construtivas.

2) Não temos etiquetamos umha linha política.

Isto faz que não tentemos impor etiquetas nas organizações de massas. Ponhamos um exemplo. No nosso último boletim empregamos o conceito de Pátria Socialista Galega, porque estamos seguros que é umha expressão que clarifica internamente a nossa linha política. Mas este conceito não é o fruto dumha discussão existente no movimento, nem forma parte dumha discussão sobre duas linhas políticas. Também temos que ter em conta que a subtil diferença que existe entre “Pátria Galega” e “Pátria Socialista Galega” não

só nom é diferenciada hoje em dia polas massas, senom nem tam sequer pola militância independentista. Interessa-nos a radicalizaçom e clarificaçom política no seio dos movimentos, e nom impor numha ou noutra votaçom, com umhas artes próprias dum parlamento burguês, umha palavra que em si mesma nom aporta nada. Interessa mudar a palavra ou a linha política? Que é a palavra senom um mais dos elementos que servem para a clarificaçom, um meio, e nom um fim em si mesmo?

Como Marx e Engels, temos claro que nos roubárom a pátria. Pola nossa parte, igual que Lenine, cremos que em cada naçom hai duas naçons, a naçom das exploradas e a naçom dos exploradores. Cremos que o nosso processo de emancipaçom tamém **presupom o conflito interno, a guerra civil**. Cremos que a nossa pátria só poderá ser verdadeiramente nossa quando seja socialista.

3) As siglas.

Qualquer organizaçom revolucionária deve estar disposta a sacrificar a propaganda dumhas siglas em benefício do movimento, de poder espalhar a teoria revolucionária no movimento e de construir umha linha política justa.

4) O princípio leninista da independência organizativa de classe.

Defendemos a independência de classe como um princípio irrenunciável. Mas formar parte de iniciativas unitárias de todo tipo nom significa ir em contra da autonomia organizativa de classe, nem é um atranco, senom umha vantagem, se se cumprem certas condiçoms mínimas. Hai que ir ao concreto, sempre ao concreto!

5) A crítica construtiva e a oposiçom. Os semi-aliados. (Conhecere-de-los polos seus feitos).

Sempre que seja possível manter a nossa linha política sem formar umha oposiçom pública a outros setores organizados do movimento faremo-lo. Mas isto nom impede que fagamos propostas e críticas construtivas. Quando participamos em CGZ sempre pensamos que nesta organizaçom havia organizaçoms partidárias que nom podíamos chamar mais que

semi-aliadas, já que, à margem da positiva atitude de certas pessoas, ainda não se pronunciaram coletivamente sobre temas centrais. O nosso papel deve ser o de procurar uma clarificação e combater as posições erradas (deixemos de confundir as mensagens com as mensageiras!). Isto é fundamental. Em CGZ topamos-nos numa situação complicada quando estas organizações decidiram centrar o seu trabalho no chamado Novo Projecto Comum (NPC), numa aliança com organizações políticas reacionárias e esquecendo a sua razão de ser, que era o fortalecimento do MLNG, não construir nenhuma plataforma eleitoral, nem muito menos supeditar o trabalho como instrumento do MLNG a umas determinadas alianças táticas.

Por outro lado e com uma importância menor, interessa-nos espalhar no movimento uma simbologia, consignas, etc, atrativas e que ajudem a clarificar e desenhar uma linha política justa para o movimento, que entonem com as melhores tradições de luta da humanidade.

6) Devemos julgar o momento histórico concreto que atravessa o movimento.

No MLNG estão-se a produzir mudanças, devido ao fracasso do processo de consolidação de CGZ. O tão famoso lugar comum da “acumulação de forças”, deu como resultado um debilitamento tanto de CGZ, como do próprio MLNG. O medo que nós tínhamos era que a falha de não ter uma consciência plena de si mesmos como MLNG, a falha de não ter uma visão estratégica, fizesse que certas pessoas caíssem no taticismo que justifica qualquer coisa.

Neste processo de consolidação de CGZ, as contradições internas, as debilidades dos semi-aliados, não ter uma estratégia, o facto extremamente negativo de desaparecer a Mesa de Cangas (tinglado no que nós nunca participamos), levou a grandes tensões em CGZ. Certas pessoas levaram adiante o intento nefasto de transformar CGZ numa organização partidária unitária após o fracasso desta mesma tática na Mesa de Cangas, depois sofreu o abandono dos semi-aliados, sofreu a chegada de paraquedistas oportunistas

e sofreu a nova linha política do NPC.

A soma destes fatores fijo impossível que CGZ siga sendo um instrumento útil.

Causa Galiza nasceu para difundir o direito de autodeterminação e para fortalecer o MLNG. Falávamos de direito de autodeterminação, mas nom nos confundamos: isto nom devia pressupor rebaixar o programa político das sensibilidades que conformávamos Causa Galiza. O direito de autodeterminação deve ir ligado (didática e dialeticamente) à nossa proposta ao povo trabalhador. Propunhamos o direito que nos corresponde como povo à autodeterminação ligado a propostas em positivo: **a independência, o socialismo e o feminismo.**

7) Somos partidários de ter como objetivo a presença dum **bloco independentista revolucionário** nas grandes mobilizações de massas. Nesse contexto geral é que valoramos a nossa participação em qualquer organização independentista ou obreirista. Umha unidade popular setorial, que deveria ir acompanhada de outras em cada umha das frentes de intervenção e luta social.

8) O nosso norte estratégico deve ser o de reforçar o movimento de libertação e combater todo o que o enfraqueça. Se existir contradição entre o movimento revolucionário e qualquer organização deve primar o movimento. Sem movimentos revolucionários nom podem existir organizações revolucionárias. Sem organizações revolucionárias é impensável a existência do imprescindível partido comunista que a classe obreira galega necessita para a sua completa emancipação.

Como comunistas galegas nom queremos umha Esquerda Republicana à galega. Queremos uns movimentos sociais combativos e revolucionários. Nom queremos nengumha mística de unidade popular, ou de frente popular, que puidérom ser próprias e justas noutras épocas concretas, senom afortalezar o MLNG e o MOG e qualquer unidade tática deve estar ao serviço desta estratégia geral.

Devemos integrar no movimento a multitude de setores mais

ou menos organizados na medida em que isto reforce o movimento revolucionário no seu conjunto. Mas isto acompanhado do necessário combate da ideologia pequeno-burguesa em todas as suas manifestações.

Interessa-nos ressaltar a pluralidade do movimento patriótico sempre que não debilite o que nos une:

- 1) O patriotismo.
- 2) O socialismo.
- 3) A necessidade de questionar o poder político do estado (e portanto o monopólio da violência).
- 4) A independência nacional.
- 5) A crítica social.
- 6) A solidariedade plena com as nossas presas e os nossos presos.
- 7) A necessidade de reforçar o MLNG na sua prática e na sua teoria.

A militância no APG direitos e deveres:

Neste momento histórico não necessitamos grandes estatutos mas sim uma estrutura orgânica com certas normas claras.

Quem pode militar no APG:

1- Pode ser membro do APG: quem defenda os interesses do progresso da humanidade, que são os mesmos que os interesses do proletariado, tanto a nível da luta de classes mundial, como da luta de classes nacional. Que se adira livre e conscientemente, acatando a estratégia, a tática, as normas internas e estatutos, que formam o nosso programa político, a linha política e, que seja dado de alta como filiada.

Direitos e deveres:

2- Acudir às reuniões internas expressando-se com total liberdade.

3- Pagar as quotas marcadas.

4- Militar num ou dous movimentos sociais.

5- Receber formaçom, auto-formar-se e formar às demais.

6- A militância tem total liberdade de discussom e para realizar propostas políticas internas. Deve participar com sinceridade nos debates coa informaçom de todas as teses enfrentadas.

7- Que a sua opiniom seja escuitada polo resto do coletivo, assi coma saber que percentagem da militância da organizaçom apoiou a sua tese.

8- A organizaçom ensina aos movimentos sociais, busca dar-lhes umha teoria revolucionária, mas tamém é imprescindível aprender destes movimentos. Aprender das discussons nestes movimentos, do nível de comprensom da realidade social, do nível de consciência e, como elemento fundamental, do estudo crítico da praxe política dos movimentos sociais.

9- É umha obriga e um direito participar na crítica e autocrítica coletiva interna com sinceridade. A militância tem que poder participar nas discussons transcendentais coa informaçom necessária para poder opinar, de maneira que estas decissons contem co aval da totalidade ou da maioria da militância.

10- Evitar o taticismo que leva ao oportunismo e outras desviaçons da linha política. Nom ter umha estratégia clara pode levar a militância a certas tendências dirigistas-conspiracionistas, oportunistas e burocráticas, que som totalmente perniciosas para os movimentos sociais e para os interesses do proletariado. Evitar estas desviaçons da nossa militância tem que ser umha ocupaçom coletiva.

11- Umha comissom de garantias avaliará o cumprimento das normas. Esta comissom fai possível a apresentaçom

dumha denúncia ante os incumprimentos das normas de funcionamento do centralismo democrático interno. A militância pode livremente apresentar umha reclamação ante a comissão de garantias, se considera que é incumprido o nosso programa político em algum ponto.

12- Os nossos aliados som os aliados do proletariado galego e da humanidade. Nom nos importa tanto qual é a definição dumha determinada organização, senom qual é a sua praxe objetiva na luta de classes (de que lado das trincheiras estão).

Sobre a construção do partido proletário de novo tipo

Neste trabalho imos tentar responder a perguntas muito importantes. Como comunistas, quais som as prioridades de trabalho político neste momento histórico? Como caracterizamos este momento histórico? Que foi a URSS e os países do “socialismo real”? Qual deve ser a nossa estratégia, que devemos fazer? E a tática, como o devemos fazer?

Muito do que hoje em dia vemos como a política “normal” dum partido comunista, o seu paradigma, nom é mais que o fruto podre resultado de décadas de trabalho do revisionismo no interior do Movimento Comunista Internacional (MCI). As organizações comunistas, especialmente as mais numerosas, seguem dogmaticamente toda umha série de posições práctico-teóricas estabelecidas nas últimas décadas. Mesmo nas organizações que “modernizárom” a sua linguagem, mudando os significantes, os conceitos e o seu significado, igual que o seu estilo de trabalho, seguem sendo os mesmos.

Nom lhes importa a derrota histórica que sofremos o proletariado mundial, produto inevitável e natural do revisionismo do MCI. Esta derrota é filha nom duma falta de madurez nas condições objetivas para o triunfo do socialismo no mundo, mas o problema se encontrava (e continua a encontrar-se) no sujeito revolucionário e mais especificamente na organização revolucionária do proletariado: o partido comunista. Nestas circunstâncias é umha traição à causa da emancipação da humanidade nom entender que, se a responsabilidade é primeiro interna ao MCI, hai que estudar toda a nossa experiência histórica e determinar que posições práctico-teóricas som responsáveis dumha derrota incontestável. Hoje em dia nem

sequer ganhamos, para o Marxismo, a posição central que tivo outrora, nem no campo da teoria nem no da prática revolucionária. Hoje os comunistas devemos varrer todas as posições reformistas do seio do Movimento Comunista para assim podermos ganhar a vanguarda teórica, e assim poderemos ganhar a vanguarda prática, o melhor das classes populares organizadas na defesa dos seus interesses imediatos.

Sem uma análise desde o materialismo histórico sobre a experiência do MCI estamos obrigados a repetir os mesmos erros que nos levaram ao esfarelamento da única alternativa para o proletariado e a humanidade. Esta é uma tarefa à que haverá que dedicar um grande esforço.

O rastro do revisionismo no seio do MCI podemos vê-lo hoje, em maior ou menor medida dependendo da organização da que se tratar, na aposta na gestão das instituições burguesas. Aposta ligada à ilusão pacifista e democrático-burguesa da participação nas instituições da democracia burguesa e a sua reforma. Que modelo de acumulação de forças têm a maior parte de organizações alegadamente comunistas? O modelo ligado à participação, basicamente, nos parlamentos, parlamentinhos e concelhos e nos sindicatos. Nós não estamos em contra por princípio da participação nas instituições do inimigo. Cremos que poderia jogar um papel sempre que se cumprissem as premissas que já Lenine e a Internacional Comunista estabeleceram, a saber, que esta participação deve ser um altifalante das posições do partido comunista para ajudar em acabar com as ilusões que as massas ainda podem ter na participação nas instituições do estado da burguesia. E quando falamos aqui de partido comunista referimo-nos ao partido proletário de novo tipo do que já falou Lenine há mais dum século, e não de qualquer organização que se autodefine como comunista. Entramos logo nisso.

E ligado diretamente a isto encontramos o outro rasgo que achamos fundamental do revisionismo no MCI. Se se aposta na derrota do imperialismo e a burguesia desde as suas instituições é natural que não se aposte, que nem sequer se

pense, na criação do contrapoder proletário e popular que pode ser a base desde a que conquistar o poder político. O que na experiência da revolução de 1917 e na revolução chinesa demonstrou ser fundamental para a revolução poder atingir os seus objetivos. Onde está a teorização sobre os soviets, sobre o poder popular que enfrente ao poder burguês e ao seu estado.

Pela nossa parte decidimos estudar as experiências revolucionárias, as que tomaram o poder e as que não, encontrando-nos com elementos muito interessantes e que consideramos imprescindíveis para poder sonhar com a revolução. Mediante o estudo da nossa história e das aperturas teóricas que sustentaram estas experiências é como poderemos, mediante a crítica e autocritica revolucionárias, avançar na conformação dos sujeitos revolucionários. Creemos que só podemos dar passos na necessária construção de partidos comunistas nacionais e na Internacional desde a elaboração da linha política justa mediante a luta de duas linhas no seio dos destacamentos comunistas e dos movimentos sociais revolucionários. Assim é como conseguiremos que a fantasma do comunismo volte percorrer Europa e o mundo. Por isso estamos totalmente abertos às críticas que desde outras organizações nos possam fazer, tanto pública como privadamente. Gostaríamos que as críticas deste trabalho tivessem como base a crítica de fundo e não a forma, a linguagem particular que utilizamos. Cada organização acaba somando-se a uma escola, uma corrente com matizes na linguagem para definir certos conceitos. Pela nossa parte pensamos que há que discutir importantes temas políticos de fundo, antes de tratar a utilização de uma terminologia unificada.

Porque só com a crítica e auto-crítica podemos avançar.

Estes som os pontos que neste momento queremos destacar do nosso programa.

1) O nosso método de análise e de trabalho é o materialismo dialético, o materialismo histórico e o socialismo científico.

-
- 2) A luta de classes e o partido. O partido comunista é umha relação social objetiva.
 - 3) A contradição social hegemónica de classe e a luta de classes.
 - 4) Caracterização do momento histórico.
 - 5) A lei do desenvolvimento desigual e combinado.
 - 6) O desenvolvimento social paralelo das sociedades com ditaduras do proletariado em fase de transição.
 - 7) A importância dos movimentos sociais revolucionários.
 - 8) Os destacamentos comunistas (projetos de partido com prioridades de trabalho históricas específicas).
 - 9) O sindicalismo.
 - 10) O parlamentarismo e o destacamento comunista.
 - 11) A resistência popular mediante a violência revolucionária e a relação com o destacamento.
 - 12) O contrapoder.
 - 13) A toma do poder político.
 - 14) Os nossos referentes internacionais, onde a luta de classes está mais desenvolvida, tendo forma de guerra civil aberta mediante a guerra popular prolongada.

“...e ter sempre presente que o socialismo, desde que se tornou umha ciência, exige ser tratado como umha ciência, isto é, ser estudado.” Engels / V. I. Lenine. Que fazer?

1 - O método

As classes sociais coas suas relações sociais objetivas e a sua subjetividade, assi como o poder político som objeto prioritário do nosso estudo. O nosso método de análise científico é o materialismo dialético, o materialismo histórico e o socialismo científico. Esta é a búxula que nos indica a linha política justa.

Portanto a nossa teoria, nom pode ser ditada por “o que aconselhe a jogada”. Nunca pode ser algo instrumental, que vai evoluindo para justificar as posições práticas já determinadas. A teoria nom é umha justificação para a prática. Porque o socialismo científico é a ciência da

revoluçom, é o conhecimento da realidade social e dos seus mecanismos de mudança e revoluçom. E é a partir dela que se pode escolher a tática, a estratégia e o estilo de trabalho, ao usar esta poderosa ferramenta na análise da situação concreta.

A vanguarda do proletariado precisa de organizar-se num partido revolucionário independente para poder alcançar a vitória na luta de classes. A este partido comunista podemos chamá-lo, seguindo a Lenine, partido proletario de novo tipo.

2 - A luta de classes e o partido

Para nós hai claramente dous âmbitos principais na luta travada entre as forças do Capital e do Trabalho: a luta de classes nacional e a luta de classes mundial, ao que corresponde o partido nacional e o partido mundial (a Internacional).

Na época do imperialismo o trabalho, as matérias primas, a energia ou os recursos económicos, e os instrumentos do imperialismo, tanto os políticos como militares ou ideológicos, tenhem um caráter mundial. Existe o comercio mundial da economia mundial, com umha dinâmica económica e política próprias. Existem a ONU, a OTAN, a Union Europeia e demais estruturas dos diferentes blocos imperialistas. Assí é como o mundo no seu conjunto tem o seu próprio auto-movimento social objetivo. Tem as suas contradicões sociais internas em luta. É a luta de classes mundial.

E como sempre as contradicões, o desenvolvimento, neste caso da luta de classes a nível mundial, manifesta-se a nível nacional mediante as contradicões e desenvolvimento da luta de classes a nível nacional. Os fatores externos manifestam-se a través dos fatores internos.

Assi, dentro de cada sociedade nacional desenvolve-se umha luta de classes nacional, específica dessa realidade, que se vê limitada, influenciada e determinada pola luta de classes a nível mundial. Já nom existem compartimentos estancos, sendo o nacional e o mundial dous âmbitos inter-relacionados dumha mesma contradicão entre o Capital e o Trabalho.

Para desenvolver a luta de classes nacional precisamos do partido nacional e para a luta de classes mundial necessitamos o partido mundial (a Internacional). Nesta fase em que nos encontramos converter em órgãos esta necessidade deve ser umha das tarefas fundamentais dos comunistas.

Como definimos ao partido proletário de novo tipo?

O partido é a unidade dialética e orgânica, nom só formal, entre a vanguarda proletária e o proletariado, entre a teoria científica para a revolucionarizaçom da realidade e a prática política.

O partido comunista é umha relação social objetiva entre as pessoas que o formam, entre esta vanguarda revolucionária e os movimentos sociais, entre a vanguarda e as massas obreiras, entre a vanguarda e as massas de todo o povo trabalhador.

Umha relação social objetiva é algo muito mais forte que a opinião que umhas pessoas ou um coletivo podam ter de outros ou de si mesmos. As relações sociais objetivas podem-se estudar e medir, objetivamente, pois existem além das opiniões subjetivas que se podam ter.

Mas o partido jurde historicamente da combinação dum grupo de pessoas pertencentes a umha classe dum determinado povo, que conscientemente decidem organizar-se para a toma do poder polo proletariado, o fim da exploraçom, a emancipaçom do proletariado, a construçom do socialismo com o resto de povos do mundo e a construçom da sociedade comunista (sem exército, nem polícia, nem cadeias, nem estado). Nesse processo o destacamento avança na teoria e na prática e só assi consegue fundir-se coas massas e converter-se em partido comunista.

Princípios do partido proletário de novo tipo.

1) A autonomia organizativa de classe.

Significa que o proletariado revolucionário tem que organizar-se num partido que tenha total independência tanto da burguesia, como da pequena-burguesia, da aristocracia, do

clero, etc.

2) Estar com o mais avançado politicamente do proletariado. Achejar-se ao mais avançado, ao mais recetivo, com mais inquadanças políticas, dando-lhe todas as facilidades para achejar-se ao destacamento comunista, sem separar-nos nunca das massas obreiras. O papel deve ser sempre o de elevar a consciência revolucionária tanto do mesmo partido como desse setor do proletariado que está mais próximo das teses revolucionárias. Já na década dos anos 40 do século XIX estendêrom-se por Europa (Alemanha, França, etc.) os clubes democráticos. Marx e Engels participárom nestes clubes ao mesmo tempo que militavam na Liga dos Comunistas, chegando à conclusom de que tinham que trabalhar em clubes democráticos obreiros (sindicatos, Associação Cultural dos Obreiros Alemâns, etc). Hoje encontramos-nos numha situação parecida, em que a inexistência de partido comunista e da Internacional determinam as nossas prioridades de trabalho.

3) Combinar os diferentes tipos de luita (legal, semi-legal, clandestina). Isto foi e deve seguir sendo umha constante no trabalho comunista. E mais hoje em dia, em que as ilusons pacifista-burguesas e o parlamentarismo tem infetado o MCI e a “esquerda anti-sistema” no seu conjunto.

4) A importância da militância política. A militância política, a consciência desta militância, a “moral de combate”, a formaçom, o grau de coesom, da consciência de formar parte dum movimento social revolucionário, som fundamentais. Nom é casualidade que Marx e Engels mudaram os estatutos da Liga em apartados como o que regulava o que havia que fazer para ser um membro da mesma desde os termos voluntaristas e moralistas nos que estava redigido, para deveres militantes.

5) O proletariado tem que tomar o poder político. Temos que conquistar o poder político e transformar-nos em classe nacional, como di o Manifesto Comunista. E para isto temos que criar a ditadura do proletariado, que é o mesmo que a democracia do proletariado, a força coercitiva que defenda a

revoluçom e que esmague a reacçom. Este é o objetivo fundamental do partido comunista. O processo político desenvolve-se elevando a luta de classes da resistência espontânea à resistência estratégica criando formas de contrapoder, até dar-se umha situaçom social de duplo poder, com um equilíbrio estratégico. Desta maneira passamos dumha resistência espontânea, à resistência estratégica. E da resistência estratégica ao equilíbrio estratégico. E do equilíbrio estratégico, finalmente, à ofensiva estratégica.

6) A verdade é a maior arma revolucionária. Esta é a consigna que nos guia à hora de realizar a agitaçom, a propaganda em todo tipo de trabalho político nos movimentos sociais.

7) O partido é umha relaçom social objetiva. Umha relaçom objetiva, que cria as condiçoms subjetivas para a revoluçom proletária. Isto quer dizer que nom chega coa vontade e a auto-proclamaçom para ser partido. É necessária essa relaçom social da vanguarda proletária coas massas do povo trabalhador. E é necessária porque nom ocorreu nem ocorrerá nunca umha revoluçom espontânea. Sem organizá-la nom hai revoluçom possível. Nem tampouco é possível umha revoluçom hoje, o tempo da revoluçom socialista, sem a participaçom ativa e consciente das grandes massas proletárias.

8) Devemos fomentar a luta de classes. Devemos melhorar a correlaçom de forças do bando do proletariado na luta entre as classes sociais antagónicas, elevar as luitas espontâneas (parcias, em defesa de certas melhoras imediatas e materiais) à luta política pola toma do poder.

9) Necessitamos, para nós e para os movimentos sociais revolucionários, dumha teoria revolucionária. Sem teoria revolucionária nom é possível a prática revolucionária. Por isso é hoje fundamental e prioritário o trabalho teórico que, desenvolto nacional e mundialmente mediante a luta teórica no interior dos destacamentos e partidos comunistas, entre estes e entre estes e os movimentos sociais revolucionários, eleve de novo o marxismo à posiçom central que tivo outrora.

10) A solidariedade cos repressaliados e coas presas e os presos políticos e a reclamação da sua liberdade.

11) Existe a luta de classes a nível nacional, para o que construímos o partido nacional, e a luta de classes a nível mundial para o que construímos o partido mundial: a Internacional Comunista.

12) O partido tem que construir o contrapoder popular. O contrapoder proletário que acabará por substituir ao estado burguês. A sua construção é imprescindível para lograr o triunfo do proletariado na luta de classes. Este poder proletário cria-se antes do triunfo, durante o desenvolvimento da própria luta de classes. É tarefa do partido comunista criar este contrapoder, que acabará sem remédio por enfrentar-se numha guerra civil revolucionária co poder da burguesia.

13) Claves do funcionamento partidário. O centralismo democrático é a única maneira de se organizar que conjuga, dumha parte, a disciplina partidária e a compartimentação necessárias para sobreviver aos ataques da burguesia e o seu estado com o mais amplo debate possível. Quanto mais clandestino seja um partido e quanto maior seja a repressom, maior disciplina precisaremos. Mas mesmo em situações de total clandestinidade o partido de Lenine permitia a formação de correntes nos congressos. A militância dispunha de todas as facilidades para se organizar e defender as suas posturas. No congresso as partidárias das diversas ponências formavam correntes, presentavam ponências conjuntas, etc. E a partir daí tinha lugar o mais amplo e profundo debate. Exemplo excelente de saber canalizar adequadamente a luta pola linha política justa no interior do partido. Luta política fundamental para nom acabar caíndo no mais podre revisionismo.

A formação dum destacamento comunista nom é um trabalho simples. Nom chega coa boa vontade dumhas pessoas, estas pessoas tenhem que integrar-se no aparelho, tenhem que aceitar umha linha política e um sistema de trabalho. As pessoas que formam parte dum destacamento

comunista tenham que aceitar que os seus descobrimentos, as suas ideias passem a ser do destacamento. Têm que aceitar que coletivamente o destacamento lhes encargue trabalhos específicos para os que estejam preparadas ou podam preparar-se e necessários para cumprir a linha política. Um partido ou destacamento comunista não deve negar as qualidades científicas, artísticas, ou organizativas pessoais. O destacamento toma essas qualidades pessoais e transforma-as em qualidades coletivas do destacamento. Por todo isto uma pessoa que não se integre no destacamento, que não se adapte ao método de trabalho, que não assimile e aprenda os principais argumentos que sustentem a linha política, não pode fazer um trabalho útil no destacamento, ainda que queira formar parte deste e tenha estudado o Marxismo.

3 - A contradição social hegemónica de classe e a luta de classes

A contradição antagónica entre as classes sociais é hegemónica, estando presente sempre em todas as esferas da vida da nossa sociedade. A luta de classes por definição deve romper o monopólio da violência por parte do estado burguês. A luta de classes é pois mais que o simples antagonismo de classes, é um enfrentamento pelo poder político entre as classes sociais antagónicas dumha sociedade, ou no imperialismo uma luta entre o imperialismo e os povos trabalhadores do mundo, entre o imperialismo e a humanidade no seu conjunto. A luta de classes está presente em algum nível quando há uma pugna pelo poder, ainda que seja num espaço reduzido, durante um período pequeno de tempo, numa fábrica ou rua. Se há uma luta por decidir quem tem o poder político, quem impõe a lei, a lei do burguês no trabalho ou a lei da greve obreira. Se há uma luta entre a lei do patrono ou a das obreiras. Entre a lei da polícia com o piquete legal ou a do piquete real que obriga a fechar. Entre a manifestação legal ou o fecho da rua ao

trânsito para demonstrar a nossa força, transformada em poder político temporal num espaço reduzido. Isto é luta de classes, manifestação objetiva, material, do antagonismo de classes.

4 - Como caracterizamos este momento histórico?

A caracterização deve começar pelo geral a nível mundial e ir ao particular a nível nacional. A nível mundial vivemos uma grande depressão económica desde o ano 2008. Esta grande depressão foi provocada pela contradição entre o carácter social da produção e o carácter privado da propriedade dos meios da produção, junto ao carácter privado da apropriação dos produtos de consumo.

O capitalismo chegou ao remate de uma onda económica longa (Kondratiev) e não pôde iniciar uma revolução científico-técnica encontrando uma forma de energia suficientemente barata para iniciar uma nova onda económica longa. Por este motivo o capitalismo entrou em decadência. A decadência capitalista criou o auge do militarismo e do belicismo. Ante a incapacidade económica os impérios otam pela guerra o botim e a rapinha. Mas os resultados das guerras imperialistas não são os ótimos, pois correm o risco de aumentar a resistência dos povos. Apesar disso, a carência de um MCI forte teórica, política e organizativamente faz que se possam lançar, hoje, muito mais alegremente a uma conflagração mundial. Quem vai parar aos imperialistas? E temos que ser conscientes que aos imperialistas há que detê-los e destruí-los. O capitalismo não se vai extinguir, o capitalismo por muito senil que esteja não será superado se não se derruba, apesar de todas as crises e ataques. E para derrubá-lo é necessária a organização consciente desse setor social no capitalismo que pode e deve, pela sua situação na produção, acabar com o poder da burguesia: o proletariado do mundo.

Sofremos uma grande ofensiva capitalista contra a

humanidade, a luta de classes está em ascenso, mas ainda nom se mudou substancialmente a correlaçom de forças. Seguimos à defensiva e nem tam sequer pudemos parar a ofensiva inimiga. O novo fascismo, aquel que já nom necessita cootar à aristocracia obreira nem repartir certas migalhas entre as classes populares, já que nom existe movimento obreiro ou popular que ponha em risco o poder da burguesia, está a aumentar no mundo, esperando a chamada dos seus amos oligarcas para a defesa dos seus privilégios. A luta de classes mundial só se transformou em guerra aberta como resistênciã a umha invasom de forças imperialistas estrangeiras, ou coa intervençom dum partido comunista (os casos da Índia, Colômbia, Turquia e Kurdistam, Filipinas e Nepal, a pesar da traiçom que posteriormente levárom a cabo as ratas prachandistas).

Temos o exemplo histórico da grande depressom dos anos 30, o fascismo e a II Guerra Mundial para saber que tendênciãs históricas tem o imperialismo para superar as suas crises internas: a guerra, as medidas repressivas e antisociais.

Na Galiza a depressom econômicã é funda. O desemprego é um mal crônico, afetando mais da metade da mocidade galega, e a emigraçom volta a parecer a única saída para milhares de galegos e galegas.

É constatável que os povos do mundo resistem cada dia mais as agressõs imperialistas. Mas tanto na luta de classes a nível mundial como na luta de classes a nível nacional, estamos numha fase de resistênciã frente à ofensiva capitalista. Nom se dêrom as condiçõs para o contra ataque. Em realidade nem tam sequer pudemos parar esta ofensiva inimiga. Nós afirmamos que nestas circunstâncias dam-se todas as condiçõs objetivas para o triunfo do proletariado menos umha, a existênciã do partido comunista. As condiçõs subjetivas cria-as o próprio partido comunista. Ponhamos mao à obra.

5 - A lei do desenvolvimento desigual combinado

Quando o proletariado russo conquistou o poder político demonstrou na prática o acertado que era a lei do desenvolvimento desigual. Porque um povo atrasado (sem industrializar) não repete os passos, os descobrimentos e inventos da revolução industrial da Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, senão que lhe chega os conhecimentos científicos e a tecnologia da sua época. Este mesmo fenômeno também se dá no campo político. Assim o proletariado russo de 1917 assimilou o mais adiantado politicamente do pensamento revolucionário e das experiências revolucionárias da luta de classes do proletariado dos povos do mundo.

Os soviets, a URSS e a China Revolucionária.

Temos que estudar e descobrir que e como foi a grande experiência soviética na URSS, a China revolucionária e todo o campo do “socialismo real”. Temos que fazer um balanço histórico da importância destas experiências revolucionárias do proletariado destes povos.

A importância da Revolução de Outubro, dos soviets, foi imensa para a humanidade. O mesmo podemos dizer da revolução chinesa. Depois da experiência frustrada da Comuna de Paris, a Revolução de Outubro demonstrou que o proletariado podia opor um contrapoder, conquistar o poder político na sociedade, criar a democracia proletária, ou o que é o mesmo a ditadura do proletariado. Que devia criar o seu próprio estado, vencer na guerra civil contra a reação, vencer na guerra ao imperialismo contra os seus exércitos e consolidar o novo estado. Que se podia substituir o sistema capitalista por uma alternativa proletária, mais eficaz e mais humana, que não precisa da depredação e depauperação das grandes majorias sociais. Demonstrou que se pode melhorar a economia nacional dumha maneira muito mais eficaz que com o capitalismo, sem desemprego e sem

exploraçom. E demonstrou que o proletariado pode e deve adaptar-se a condiçoms políticas, econômicas, militares, muito diferentes entre si. A experiênciã chinesã demonstrou que umha vez superado o período histórico das revoluçoms burguesas é labor do partido comunista criar esse contrapoder, pois mais ninguém será quem ou quererã criã-lo. E que este contrapoder deverá ser a base desde a que levar adiante a Guerra Popular Prolongada, a estratégia político-militar de toma do poder. Nom fai falta dizer que estas nom fôrom as únicas aportaçoms valiosas que as experiênciãs na construçom da URSS e da China Popular nos deixãrom. Mas hoje parece-nos importante fazer fincapé nestes aspetos porque som centrais na discusom mais importante hoje (Que fazer?). O estudo de dous heróis do proletariado como Lenine e Mao continua a ser imprescindível hoje, e mui clarificador a respeito das posiçoms revisionistas da maior parte dos destacamentos e organizaçoms que se declaram partidos comunistas.

6 - O desenvolvimento social em paralelo das sociedades com ditaduras do proletariado em fase de transiçom

O desenvolvimento social em paralelo é a nossa explicaçom do que foi a URSS, a China Popular ou a Cuba atual, umha fase de transiçom entre o capitalismo e o socialismo. O estado nascido na Revoluçom de Outubro e todos os sistemas políticos soviéticos fôrom umha forma de ditadura do proletariado e o campesinato (as massas trabalhadoras) que conseguírom servir de faro ao proletariado do mundo. A URSS foi um freio para o imperialismo, na luita de classes mundial. Na Europa a luita de classes obrigou as oligarquias que dominam os estados e a cada umha das burguesias de cada povo a criar o “estado do bem estar” para poder freã-la. Obrigou a subornar aos dirigentes obreiros, a mistificar os dirigentes sindicais, ao dialogo e pato social.

Quando o proletariado russo tomou o poder adaptou as

medidas económicas às circunstâncias nas que lhe tocou viver. Os soviéticos figérom múltiplas experiências de gestom planificada da economia sem a propriedade privada capitalista sobre os meios de produçom.

Se entendemos socialismo como o sistema económico e social que aparecerá no mundo depois da caída do imperialismo, na URSS nom se podia dar este socialismo. Ainda que si se dêrom certos caracteres comuns com o socialismo (o novo nasce do velho), para pôr plenamente em prática o socialismo é imprescindível que o imperialismo já nom seja um perigo para a humanidade, ao ter o proletariado o poder na totalidade ou polo menos na grande maioria das sociedades que a formam.

O proletariado russo vitorioso na Revoluçom de Outubro, a posterior guerra civil revolucionária, a guerra anti-imperialista revolucionária ante o ataque dos exércitos imperialistas, encontrou-se com muitas dificuldades para aceder aos recursos, a tecnologia, ao comercio mundial. Nom podia intercambiar livremente o fruto do seu trabalho com o fruto do trabalho doutros povos. Como sabemos as grandes potências imperialistas nom utilizam os seus meios de transporte para criar umha rede de intercâmbio comercial mundial de produtos baseado no mutuo benefício, imprescindível para criar o socialismo. Neste contexto era impossível objetivamente chegar ao socialismo e, sem chegar ao socialismo qualquer melhora para a classe obreira, qualquer melhora na correlaçom de forças, pode ser interrompida, revertida e incluso derrotada.

Destarte o que se construiu na URSS e na China nom puido ser o socialismo que substituiria necessariamente ao capitalismo no mundo, ainda tendo já algumas das características sociais desta sociedade nova, de mulheres e homens novos. Nom foi senom outra maneira de desenvolvimento muito mais eficaz, muito mais humano, umha grande experiência revolucionária, um exemplo que iluminou as esperanças da humanidade. Um desenvolvimento paralelo ao capitalismo.

A importância das Sociedades de Consumo.

Ao que chamamos, seguindo aos bolcheviques, Sociedades de Consumo, não são mais que cooperativas de consumo baixo a ditadura do proletariado. Portanto estas Sociedades de Consumo são algo totalmente diferente às cooperativas de consumo que se criaram nas sociedades capitalistas industrializadas, em tempos de “paz social”, de pouca enfrentamento na luta de classes na sociedade. Só em condições dumha grande depressão econômica e ascensão da luta de classes o povo trabalhador pode pôr em funcionamento experiências deste tipo e que tenham utilidade na luta de classes.

Só com o triunfo do proletariado na luta de classes mundial podemos abrir as portas do socialismo. Só no socialismo se poderá ver todas as potencialidades, como instrumento do progresso social, das Sociedades de Consumo.

As Sociedades de Consumo Soviéticas foram umha experiência dos primeiros anos do poder proletário soviético, a que não se lhe tem prestado a devida atenção. As grandes dificuldades com as que se topou o poder revolucionário explicam por que estas experimentações não puderam passar dos primeiros passos, sendo depois esquecidas pelo PCUS revisionista.

A importância das sociedades de consumo no período de transição:

- 1) As Sociedades de Consumo são o meio para superar a contradição entre o caráter social da produção e o caráter privado e individual da apropriação dos produtos de consumo.
- 2) É o caminho para superar o sistema salarial herdado do capitalismo.
- 3) Implica que as pessoas se auto-organizem sem a necessidade dum estado. Menos estado e mais auto-organização proletária do povo sem necessidade de coerção ou repressão.
- 4) Contribue no caminho de superar o modelo de família

burguesa, ampliando os vínculos “familiares” positivos além do conceito de família biológica, estendendo amplamente o que tem de positivo a família.

5) É necessário para a construção do socialismo primeiro e o comunismo depois: “cada quem aporta segundo as suas qualidades e recebe segundo as suas necessidades”.

Forçosamente, os ensaios das Sociedades de Consumo soviéticas nom podiam passar dumha fase inicial, mas no bom caminho. Este tipo de organização só pode sacar o seu verdadeiro potencial no socialismo. A posta em marcha destes organismos tem que ser feita começando polos produtos de consumo mais baratos e habituais e ir-se estendendo paulatinamente.

Lenine falou muitas vezes sobre a etapa de transição das ditaduras do capitalismo para o socialismo.

Lenine obras escolhidas em 6 tomos, tomo 3, página 355. “Os que estão assustados com a falência do velho e os que lutam pelo novo.”

“Nós sempre soubemos, dizemos, repetimos, que nom se pode “introduzir” o socialismo, que ele surge no percurso da mais tensa e mais aguda -indo até à raiva e o desespero- luta de classes e guerra civil; que entre o capitalismo e o socialismo há um período de “dores de parto”; que a violência é sempre parteira da nova sociedade; que ao período de transição da sociedade burguesa para a socialista corresponde um estado particular (isto é um sistema particular de violência exercida sobre umha certa classe), a saber, a ditadura do proletariado.”

As tarefas do proletariado na nossa revolução, obras escolhidas em três tomos, tomo II, página 31.

“O marxismo distingue-se do anarquismo polo feito de que reconhece a necessidade do estado e do poder estatal no período revolucionário em geral e na época da transição do capitalismo para o socialismo em particular.”

VII conferência (de abril) de toda Rússia do POSDR(b), obras escolhidas em três tomos, tomo II. Página 63.

“Esses passos só poderam triunfar por completo com a revolução mundial, se a revolução esmagar a guerra e se for apoiada pelos operários de todos os países, por isso, a toma do poder é a única medida concreta, a única saída.”

Terceiro congresso dos soviets, obras escolhidas em três tomos, Tomo II, Página 472.

“Estamos longe de ter rematado mesmo o período de transição do capitalismo para o socialismo. Nunca nos deixamos seduzir pela esperança de que poderíamos rematá-lo sem a ajuda do proletariado internacional.”

Entremos nalguns aspetos que nos parece importante tratar aqui. Os erros, nom por ser inevitáveis devido a um determinado contexto, deixam de ser erros. A nível teórico (como sempre com consequências práticas) as cinco primeiras grandes desviações da URSS fôrom:

1) a visom que a partir de 1926-1927 se fijo hegemónica do que se deu em chamar o socialismo num só país, subordinando a luta de classes mundial à nacional, pondo em primeiro lugar os interesses do estado soviético frente aos da revolução proletária mundial;

2) nom ter em conta que a eliminação de certas classes sociais, como os kulaks, sem eliminar também as condições que possibilitam a sua reprodução, nom é suficiente para impedir o seu renascimento;

3) nom compreender em toda a sua amplitude o problema que era o nacionalismo chovinista russo e como este nacionalismo criava o seu contrário, o nacionalismo dos povos que sofriam algum tipo de opressom nacional;

4) nom entender como um fator externo (o imperialismo) atua através dos fatores internos (da burocracia, da aristocracia obreira, da pequena-burguesia gestora);

5) nom entendêrom que a luta de classes traspassa qualquer esfera social, tendo primazia sobre o desenvolvimento dos meios de produção.

No passado houve umha grande discussom sobre como chamar ao sistema económico e ao estado da URSS. Sobre se

era correto chamar-lhe: “economia planificada burocratizada”, “Bonapartismo proletário”, “estado proletário burocratizado”, “capitalismo de estado”, etc. Umha vez entendido que a URSS foi um estado com um desenvolvimento em paralelo ao capitalista, que nome lhe ponhamos a este conceito é secundário. Foi umha fase de transiçom historicamente necessária.

Cumpre estudar as ditaduras do proletariado na fase de transiçom do desenvolvimento social em paralelo ao imperialismo.

Caraterísticas avançadas das ditaduras do proletariado num desenvolvimento em paralelo: 1) o poder político tem-no o proletariado; 2) expropriaçom e nacionalizaçom dos bancos e demais oligopólios produtivos, de transporte e comercializaçom; 3) primeiros ensaios da planificaçom económic; 4) reforma agrária coa expropriaçom dos grandes latifúndios; 5) aumento dos meios de produçom; 6) alfabetizaçom geral do povo; 7) acabar co desemprego; etc.

Hai umha série de atrancos no desenvolvimento das ditaduras do proletariado antes do triunfo na luta de classes a nível mundial, na fase de desenvolvimento em paralelo ao imperialismo: 1) a opressom das mulheres ainda nom está totalmente superada; 2) só se dérom os primeiros ensaios na planificaçom económic; 3) perduram formas económic mercantis; 4) perdura a mentalidade burguesa; 5) perduram os incentivos económic na economia; 6) perduram certas formas privadas de propriedade agrícola; 7) a aristocracia operária; 8) a existência dumha pequena burguesia gestora nom proprietária composta por científicos, técnicos e gestores económic, que sem ser proprietários dos meios de produçom, eram quem gestionava e expropriava o excedente às produtoras obreiras depois de que produziram o necessário para ter um salário; 9) perdura a diferença entre o trabalho intelectual e o físico; 10) dificuldade para somar às massas ao trabalho político constante; 11) nom se superou totalmente a contradiçom campo cidade; 12) a coletivizaçom só é parcial;

13) segue existindo na sociedade prejuízos e discriminações por razões da origem nacional, de opção sexual ou do gênero social em relação ao sexo natural ao que nasceram as pessoas, etc; 14) a influência externa do imperialismo no interior da sociedade nacional, através das classes nacionais e dos grupos reacionários; 15) o caráter individual e privado da apropriação dos produtos de consumo; 16) perdura a burocracia; etc.

No socialismo o modelo produtivo é social, a propriedade é socialista e a distribuição é socialista. Características do socialismo: 1) ditadura do proletariado; 2) triunfo do proletariado na luta de classes mundial; 3) o comércio mundial toma a forma de intercâmbio socialista baseado no mútuo benefício dos povos; 4) economia democraticamente planejada; 5) superação da contradição entre trabalho físico e o intelectual; 6) superação da discriminação feminina; 7) propriedade socialista; 8) incentivos morais; 9) distribuição e apropriação dos produtos de consumo progressivamente social graças às Sociedades de Consumo; 10) desenvolvimento científico-técnico; 11) superação do sistema salarial; 12) aumento dos meios de produção; etc.

O sistema soviético, apesar de todas as suas mudanças históricas -o burocratismo, o revisionismo, etc- sempre foi qualitativamente superior ao capitalismo. Na URSS não existia o capitalismo.

Mentres existiram a URSS e a China revolucionária sempre que foram atacadas pelo imperialismo a nossa consigna sempre foi a única justa: a defesa incondicional da URSS e a China revolucionária.

A existência da referência soviética foi um fator revolucionário na luta de classes mundial. Mas ao mesmo tempo um freio à discussão sobre certos paradigmas então praticamente indiscutíveis.

Parece-nos importante notar que, se o caráter econômico é fundamental para podermos definir uma sociedade como socialista, no período de transição prévio o caráter fundamental é sem dúvida o político. O mais importante para

poder definir essa sociedade de transição do capitalismo ao socialismo é quem detenta o poder e com que intenção.

7 - A importância dos movimentos sociais revolucionários

Os movimentos sociais revolucionários são movimentos sociais objetivamente existentes numa determinada sociedade, e que estando formados por diferentes coletivos que funcionam autonomamente, têm uma união nos objetivos que faz que se alimentem mutuamente. E todo isto desde umas posições não assimiladas nem assimiláveis desde o sistema. No nosso contexto os movimentos sociais revolucionários são aonde primeiro chegam as pessoas com mais inquietudes políticas, aonde se chega o melhor do povo. Um movimento social é muito mais difícil de manipular pelo reformismo e pelo inimigo que qualquer tipo de partido legalista, coalizão eleitoralista, esquerda republicana, etc.

No contexto europeu atual os destacamentos comunistas têm que estudar, aprender e atuar nestes movimentos ali onde existirem. As suas capacidades, a sua flexibilidade na adaptação a uma realidade que muda, supera imensamente aos sindicatos e plataformas eleitorais.

Temos que centrar o nosso trabalho entre as massas nos movimentos sociais revolucionários. Os movimentos sociais revolucionários são a primeira ligação com a vanguarda prática e com as massas. Por isso temos que estudar, aprender destes movimentos, contribuir na sua elevação teórica e prática.

8 - Os destacamentos comunistas

A vontade e os conhecimentos científicos de umas pessoas transformam-se em relações sociais objetivas destas mesmas pessoas mediante a sua prática social, na sua militância, quando começam a militar numa organização ou criam um destacamento comunista.

O destacamento comunista, em trabalho constante por elevar-se teoricamente mediante a crítica e autocrítica

coletivas, tenta pôr-se em contato com as pessoas mais adiantadas que militam em algum movimento social e com as que há coincidências políticas (ou na teoria ou na prática). Tenta “convencê-los”, influir na sua opinião, na imagem que têm de eles mesmos e do mundo, levá-los ao estudo científico da luta de classes. Depois tenta que esta mudança subjetiva tenha consequências nas relações sociais objetivas (na sua militância), tenta pôr a trabalhar politicamente a estas pessoas. O que tenta em definitiva é unir a vanguarda teórica e a prática.

Ao mesmo tempo, como dizíamos, tenta que o movimento revolucionário tome como própria a teoria revolucionária. Tenta dar-lhe consciência de classe e consciência de si mesmos como movimento social revolucionário (subjetividade). O que se deve transformar em mudanças práticas na sua militância (objetividade social). O fortalecimento dos movimentos sociais e dos destacamentos comunistas é como se pode chegar aos setores sociais mais próximos e posteriormente às grandes massas com a criação do partido. Primeiro influir nas suas opiniões, na falsa explicação que lhe dá às suas penúrias, à sua condição de classe, ao mundo, aos problemas da humanidade. A continuação mudar o seu comportamento (organizá-las, mobilizá-las).

Como vemos neste processo dialético a causa transforma-se em efeito e o efeito em causa, numa espiral ascendente.

Da objetividade social da luta de classes na sociedade passamos à subjetividade da vanguarda como consciência de “classe para si”. Da subjetividade da vanguarda à objetividade social organizada no destacamento comunista. Da objetividade do destacamento comunista à subjetividade das massas da sua consciência de si mesmas como classe social, até que esta subjetividade se transforma em objetividade na mobilização, na organização revolucionária, na criação do contrapoder, etc.

Neste processo que acabamos de descrever é como se cria o partido do proletariado revolucionário. Cria-se uma relação

social objetiva entre os destacamentos comunistas e os movimentos revolucionários, entre o partido e as massas, entre a vanguarda teórica e a prática, fundindo-os num mesmo ser.

De toda esta exposição temos que deixar claro que os destacamentos comunistas têm e têm umas tarefas políticas específicas, que não têm o resto de correntes políticas populares.

O trabalho específico dos destacamentos comunistas deve estar destinado a construir o partido comunista. Mas a construção do partido não é linear, é um processo dialético (com seu movimento), um processo dinâmico e com contradições.

Não está na nossa teoria que os destacamentos comunistas possam ganhar às massas num primeiro momento. Temos umas prioridades de trabalho claras, e são outras.

Entre as tarefas históricas, específicas e prioritárias dos destacamentos comunistas estão:

- 1) O estudo e análise da realidade social, do mundo e da nossa sociedade, ao que também podemos chamar o estudo da luta de classes a nível mundial e da luta de classes a nível nacional (materialismo histórico);
- 2) O estudo das experiências revolucionárias e do movimento comunista;
- 3) buscar a linha política justa em cada momento histórico (socialismo científico);
- 4) a necessária auto-formação coletiva da nossa própria militância;
- 5) ganhar a vanguarda teórica para o marxismo;
- 6) unir a vanguarda teórica e a vanguarda prática;
- 7) formar quadros políticos entre a mocidade;
- 8) dar-lhe uma teoria revolucionária aos movimentos sociais revolucionários;
- 9) unir a vanguarda e os movimentos sociais revolucionários.

A conclusão que se pode tirar disto é que as nossas prioridades de trabalho político são internas. Tanto dentro do

destacamento comunista como dentro do movimento comunista e dos movimentos sociais revolucionários. Resumindo não é hoje a nossa linha política convencer a muitos de pouco, senão a poucas de muito.

9 - O sindicalismo

Temos que subscrever ponto por ponto as críticas que faz Lenine ao sindicalismo (tradeunionismo) no *Que fazer? Capítulo III, Apartado e)* “A política tradeunista da classe obreira é precisamente a política burguesa da classe obreira.” O sindicalismo é no melhor dos casos a parte mais conservadora do movimento obreiro. O sindicalismo de por si não cria consciência de classe, senão corporativismo e burocracia. Na Galiza a tendência é que os sindicatos se encarreguem da gestão jurídica e laboral e de difundir lugares comuns pequeno-burgueses. Todas podemos estar em princípio de acordo em que a unidade obreira num conflito laboral é algo a buscar. Mas quando falamos de unidade sindical ou dumha forma concreta de unidade orgânica, temos que perguntar-nos: A quem beneficia? Favorece a melhora na correlação de forças ao proletariado? Favorece a algum movimento social revolucionário?

A unidade sindical pode ser negativa para o proletariado. Se umha unidade sindical fortalece ao aparato burocrático, ao reformismo, que quer frear a luta de classes, então esta unidade é negativa.

A unidade sindical pode ser algo correto taticamente num determinado momento histórico. Mas se o tomamos como um princípio alonjamo-nos da linha política justa e mergulhamo-nos no dogmatismo.

As correntes sindicais: pontos em comum co parlamentarismo.

O trabalho sindical no seio do movimento obreiro tem muitos pontos em comum co parlamentarismo. Primeiro porque o que pretende é gestionar umhas instituições emanadas da legalidade burguesa. Estas instituições estão desenhadas para cootar a intelligentsia, também a da aristocracia obreira, e

cumprir mui bem com este papel. Ao tentar somar o maior número possível de votos, postos e quotas de poder, tentam somar o maior número possível de apoios. Todos os votos somam iguais pelo que não temes que convencer de nada mais de que te votem. Se a tua mensagem não os convence, diz-lhes o que querem escutar. Para ter uma maior representatividade e influência buscas somar aliados. Senão estás de acordo com os teus projetos, mudas de projetos. Total, o objetivo é conseguir mais cargos. Segundo, porque este trabalho também provoca uma falsa ilusão de mudança desde dentro do sistema. Ilusão enganosa e falsa, como demonstra a história. Não é desde a negociação pelos salários que se vai fazer nenhuma revolução. Não é casual que não tivera lugar nunca a nenhuma revolução proletária numa sociedade em que o sindicalismo fosse o setor dominante dentro do movimento obreiro. E o terceiro ponto em comum que queremos destacar é que a classe operária desconfia (e isto por usar palavras suaves) tanto do parlamentarismo como do sindicalismo. E com razão. O que é triste é que as massas compreendam melhor que as suas supostas vanguardas a trapaça que supõem o trabalho de gestão e reforma substanciais ao sindicalismo e o parlamentarismo.

Esta não pretende ser uma condenação aos sindicatos em si, senão à política baseada no sindicalismo das organizações comunistas herdeiras do revisionismo. Acusar aos sindicatos de conservadores é como acusar a um leão de ser carnívoro. Faz parte da sua natureza. Qualquer suposta reorganização do proletariado realmente revolucionária não pode ter como ponto central ao sindicalismo.

10 - O parlamentarismo. A participação dos destacamentos comunistas no sistema parlamentar

Não tem sentido que os destacamentos comunistas se apresentem às eleições, fazendo um ridículo maiúsculo. Vejamos um exemplo a contrário. Os Bolcheviques

participárom em alguma ocasião na Duma e nom fórom assimilados.

Vejamos por que nom fôrom assimilados:

1) Na Duma existia umha fracçom bolchevique, nom o partido bolchevique. Os dirigentes mais destacados nunca participavam nesta frente de trabalho.

2) Seguiam a linha política justa, a revolucionária, com o que eram um referente político para a classe obreira.

3) O medo à repressom do inimigo nom os parava, pois era umha organizaçom que combinava o trabalho legal co clandestino.

4) Nom dependiam das instituições burguesas nem da legalidade burguesa.

5) O seu caráter de classe, claramente proletário.

6) A ligaçom com o movimento obreiro russo.

7) Por aplicar corretamente o centralismo democrático coa sua crítica e autocrítica coletivas.

8) E sobretudo porque desde um primeiro momento se usou os parlamentos única e exclusivamente como altifalante contra estas mesmas instituições. Parafraseando Lenine: mentres haja umha quantidade significativa de obreiros que ainda crea nelas um partido comunista (o que supom que já é umha organizaçom com umha grande fortaleza teórica e prática) deve participar nas instituições para acabar coas falsas ilusons destes obreiros ainda enganados.

Em resumo: nom fai sentido, é mesmo claramente reaccionário e ridículo, que os destacamentos comunistas se presentem às eleiçoms ou apoiem o circo eleitoral da burguesia. E hoje apresentar-se às eleiçoms ou apoiar a farsa democrática demonstra as claras o caráter reformista e revisionista de tal organizaçom.

11 - A resistênciã popular mediante a violênciã revolucionária

As massas que formam o povo trabalhador nom podem (nom devem) esperar pola existênciã do partido para iniciar novas

formas de luta. Assim historicamente jurde a resistência popular mediante a violência revolucionária, um processo que com diferentes variantes se deu ao longo da história. As e os comunistas temos que fazer umha cura de humildade e admitir que as massas exploradas nom nos precisam para começar a luta.

Ainda que puidesse parecer que a resistência popular mediante a violência revolucionária tem um caráter ofensivo, em realidade ao estar inscrita dentro dumha luta de classes com um caráter defensivo, impera esse caráter defensivo geral sobre o seu caráter ofensivo. A resistência popular tem um caráter revolucionário, mas para iniciar um processo de contraofensiva proletária revolucionária nom chega com este caráter, é necessária umha condição objetiva (o partido comunista) e umha condição subjetiva que cria o próprio partido (a consciência das pessoas como parte da classe obreira e da sua missão revolucionária). A resistência popular mediante a violência revolucionária clarifica politicamente, fecha-lhe as portas a certas correntes reformistas (como o pacifismo burguês), eleva a moral da militância e ademais cria umha rica experiência.

O nosso lema é “aprender, aprender e aprender sempre” (Lenine). Aprender coa política revolucionária das massas, dos movimentos sociais, da auto-organização obreira, etc.

Umha vez aclarado isto temos que tratar a relação dos destacamentos comunistas com os grupos de resistência popular.

Os destacamentos comunistas, mentres nom superem a sua condição e se convirtam em partidos comunistas, nom estão preparados para dirigir a resistência popular. Nom tenhem os pontos de apoio, nem a força, nem a clareza política e teórica. Os destacamentos comunistas, coa sua influência sobre os movimentos sociais, influem indiretamente sobre as mais diversas formas de luta setorial, também sobre a resistência popular.

Portanto a nossa teoria é radicalmente oposta a de organizações revolucionárias como as RAF (Fração do

Exército Vermelho) ou as Brigadas Vermelhas-BR. Estas organizações jurdírom em Europa em momentos de auge da luta de classes. Um dos seus pontos de partida teóricos é crer que a classe obreira nom pode iniciar novas formas de luta sem a intervençom direta das e dos comunistas. Mas a história demonstra que isto é falso. Nom tinham confiança nas massas que formam o povo trabalhador. Nós si que temos esta confiança que é fruto do estudo histórico da luta de classes. Ademais estas e outras organizações crêem que, mais adiante, num momento de maior enfrentamento na luta de classes, mediante a educaçom polo exemplo, podiam somar as massas à luta até ao triunfo do proletariado. Isto é pecar claramente de espontaneísmo.

A nossa postura política é:

- 1) As massas do povo trabalhador em geral e a classe obreira em particular, podem e devem iniciar novas formas de luta sem a intervençom direta de nengum destacamento comunista.
- 2) O contato direto dos destacamentos comunistas e a resistênciã popular é perigoso para o aparelho clandestino da resistênciã.
- 3) A existênciã da resistênciã popular, por ela soa, nom supera umha situaçom onde o fator defensivo predomina sobre o ofensivo na luta de classes.
- 4) Nós cremos, baseando-nos na experiênciã histórica, que se para iniciar a luta nom é necessãria a intervençom direta dos destacamentos comunistas, para triunfar si é imprescindível o partido comunista.

Portanto, ao contrário que as organizações que mencionamos antes, nom temos a esperançã que com o exemplo, as massas se somem à luta. Cremos que tenhem que iniciã-la por elas mesmas graças ao trabalho do partido e a sua ligaçom entre a vanguarda e as massas.

Para que o proletariado poida triunfar nom chega co desenvolvimento espontãneo dos movimentos sociais revolucionãrios. Para que o proletariado poida triunfar é necessãria umha teoria revolucionãria baseada na verdade

como arma, com umha análise científica da realidade social (da luta de classes a nível mundial e a nível nacional, com os fatores externos que atuam através dos internos), com um método de trabalho político (crítica e autocrítica coletiva mediante a praxe-crítica-praxe), com umha linha política justa (umha estratégia e umhas táticas), ademais da necessária organização partidária revolucionária. Estes fatores nom jurdem espontaneamente, som o fruto dum trabalho consciente.

12 - O contrapoder

O estudo histórico das revoluções ensina-nos que o novo poder proletário, nom jurde de repente da nada. Ensina-nos que no começo da guerra popular, já aparecem instituições que assumem durante um determinado tempo (ainda de forma interrompida), certas funções de poder político coercitivo, certas funções de estado. Um poder real que pode impor a lei. A isto é ao que chamamos contrapoder. O processo político desenvolve-se passando a luta de classes da resistência espontânea à resistência estratégica criando formas de contrapoder, até dar-se umha situação social de duplo poder. Nesse momento, co trabalho acertado do partido comunista, chegará-se a um equilíbrio estratégico, que evoluirá até à ofensiva estratégica revolucionária. É labor fundamental do destacamento primeiro e do partido depois acabar de definir esta simples enumeração de passos numha análise político-militar muito mais acabada. Chegar a compreender que houvo de geral e que de particular nas experiências por umha banda chinesa, nepali, filipina, índia, etc, e por outra banda experiências muito mais limitadas na Europa como no Ulster em certos momentos dos Troubles, parece-nos um bom ponto de partida.

13 - A toma do poder político

O estado co seu monopólio da violência é o máximo expoente do poder político. Para triunfar e conquistar o poder político

temos que dizer-lhe ao povo quem somos nós, quem som os nossos inimigos e em que terreno luitamos. Temos que ter umha estratégia geral com uns objetivos e umhas táticas setoriais concretas. Isto obriga-nos a estudar o nosso estilo de trabalho.

A toma do poder político polo proletariado é a nossa razom de ser. Qualquer cousa que fagamos tem que favorecer a toma do poder político. Qualquer caminho que nos alonge del, ou que nom o tenha em conta é totalmente errada.

A conquista do poder político deve ser o nossa guia, algo polo que estamos trabalhado cada dia. Nunca algo alonjado que nem nos preocupa nem tem que ver coa nossa prática política, senom a razom de cada discusom, viagem, charla, colada, manifestaçom, organizaçom, etc.

14 - Os nossos referentes internacionais

Os nossos referentes internacionais tenhem que ser os povos trabalhadores onde está mais avançada a luta de classes, onde tem forma de guerra civil aberta mediante a guerra popular prolongada, onde esta luta criou exércitos vermelhos, onde existem os partidos comunistas que som instrumentos necessários para o triunfo da humanidade. Estamos a falar das FARC-EP com o partido PCCC ou PC3 em Colômbia, do Exército Popular de Libertaçom dos Naxalitas do PCI Maoista da Índia, das turcas e kurdas do TKP/ML coa guerrilha TIKKO, do Partido Comunista Filipino e a guerrilha Novo Exército do Povo (NPA). Estes exemplos devem guiar-nos, pois som o mais avançado hoje na luta polo socialismo. Aprender nom só dos seus acertos, mas tamém dos seus erros (vejamos por exemplo a ilusom da negociaçom), estudar a sua experiênciam e nom mitificá-la ou adorá-la.

Quem nom pode ser um referente? Todas aquelas organizaçoms que mascaram com discursos revolucionários o seu cretinismo parlamentaríom, o seu reformismo pacifista, a sua falta de valentia em encarar a análise dum processo, o da derrota do proletariado nas últimas décadas, e tirar daí as ensinanças pertinentes.

Um exemplo paradigmático: o KKE. O KKE atual nom pode ser um referente político. Se o KKE é um partido comunista verdadeiro, como é possível que dando-se as condições objetivas nom começaram a pôr as bases, teóricas primeiro e práticas depois, para a conformaçom dum contrapoder e a preparaçom da inevitável guerra civil revolucionária mediante a guerra popular prolongada? A praxe e a teoria política do KKE segue todos os tópicos herdados do PCUS revisionista, que à sua vez fórom herdados da II internacional e, esta herdou-no das experiências das revoluçons burguesas (séculos XVIII e XIX). As revoluçons burguesas iniciárom-se depois dum processo de acumulaçom de forças de massas (atividade associativa, sindical, parlamentar, etc). Isto permitiu mobilizar grandes massas, realizar umha insurreiçom popular, destruir o poder do estado aristocrático-feudal e posteriormente construir o poder do novo estado burguês.

Mas as revoluçons proletárias nom seguiróm este esquema. Nas revoluçons proletárias o novo poder proletário criou-se sempre antes de poder derrubar o velho poder do estado, dando-se portanto a existênciã simultânea do velho poder do estado burguês em contraposiçom com o contrapoder proletário. Coexistindo, e nom precisamente de forma pacífica, coa ditadura do estado burguês, o contrapoder proletário assumiu múltiplas funções de estado e adotou múltiplas formas organizativas (tanto civis como militares). Ao mesmo tempo que dirigia um processo revolucionário levava adiante umha guerra civil revolucionária, destruía o velho estado e fortalecia o novo, umha forma superior de estado. Um estado do proletariado e as suas classes aliadas consciente de si mesmos e da necessidade de construir o socialismo e a sociedade comunista com o resto dos povos do mundo.

O KKE ao nom ser consciente desta realidade histórica segue o velho e fracassado esquema de acumulaçom de forças de massas, de mobilizaçom sindical, de organizaçom sindical e atividade institucional. Isto ao final o que esconde é a

intenção de acumular votos, delegados, parlamentários... Deveriam plantear-se a criação do contrapoder, a necessidade do desenvolvimento da guerra popular prolongada para poder ganhar a inevitável guerra civil que os pode levar ao triunfo revolucionário. O KKE não se plantea em sério a toma do poder, nem os mecanismos, ferramentas, a estratégia e a tática necessárias. E por isso se encontra impotente.

Podemos resumir o problema do KKE no facto de que este não se plantea em nenhum momento a necessidade de elevar a luta económica do proletariado a um nível superior na luta de classes, ao nível de guerra aberta entre as classes pelo poder. Elevá-la da luta economicista para a melhoria de certas condições de vida à luta política pela toma do poder.

Por este motivo não se plantea estes problemas (primeiro teoricamente e depois na prática política), não segue a linha política justa. Sem planeá-los para assim poder resolvê-los, o KKE acabou por chegar a ter uma prática política reaccionária, tendente a evitar a luta de classes e a frear e condenar a resistência espontânea e organizada.

ateneuproletariogalego@gmail.com
ateneuproletariogalego@yahoo.com

ateneuproletario.wordpress.com

LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !

Ateneu Proletário Galego 

programa político - Sobre a construção do partido proletário de novo tipo

LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !
